

Ecolalias



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

FERNANDO FERREIRA COSTA

Coordenador Geral da Universidade

EDGAR SALVADORI DE DECCA



Conselho Editorial

Presidente

PAULO FRANCHETTI

ALCIR PÉCORÁ – ARLEY RAMOS MORENO

JOSÉ A. R. GONTIJO – JOSÉ ROBERTO ZAN

MARCELO KNOBEL – MARCO ANTONIO ZAGO

SEDI HIRANO – YARO BURIAN JUNIOR

Daniel Heller-Roazen

ECOLALIAS
SOBRE O ESQUECIMENTO DAS LÍNGUAS

Tradução
Fabio Akcelrud Durão

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

H367e Heller-Roazen, Daniel.
Ecolalias: sobre o esquecimento das línguas / Daniel Heller-Roazen; tradução: Fabio Akcelrud Durão. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2010.

1. Linguística. 2. Teologia. 3. Memória. 4. Esquecimento. I. Durão, Fabio Akcelrud.
II. Título.

CDD 410
230
153.12
153.125

ISBN 978-85-268-0885-0

Índices para catálogo sistemático:

1. Linguística	410
2. Teologia	230
3. Memória	153.12
4. Esquecimento	153.125

Publicado originalmente nos Estados Unidos da América
como *Echolalias: On the Forgetting of Language*
© 2005 by Urzone, Inc. (Zone Books)

Copyright © 2010 by Editora da Unicamp

Nenhuma parte desta publicação pode ser gravada, armazenada em
sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos
ou outros quaisquer sem autorização prévia do editor.

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editora.unicamp.br – vendas@editora.unicamp.br

SUMÁRIO

1 — O ÁPICE DO BALBUCIO	7
2 — EXCLAMAÇÕES	11
3 — ALEPH	17
4 — FONEMAS EM VIAS DE EXTINÇÃO	23
5 — <i>H & Co.</i>	29
6 — EXILADOS	41
7 — BECOS SEM SAÍDA	47
8 — LIMIARES	59
9 — ESTRATOS	67
10 — DESLOCAMENTOS	77
11 — ESTRELINHAS	85
12 — RETORNA O BRILHO	97
13 — A VACA ESCREVENTE	103
14 — O ANIMAL MENOR	109
15 — AGLOSSOSTOMOGRÁFIA	125
16 — <i>HUDBA</i>	137
17 — ESQUIZOFONÉTICA	151

18 — UMA HISTÓRIA DE ABŪ NUWÁS	161
19 — “PERSA”	163
20 — POETAS NO PARAÍSO	169
21 — BABEL.....	183
BIBLIOGRAFIA	193
ÍNDICE.....	203

O ÁPICE DO BALBUCIO

COMO TODOS SABEM, AS CRIANÇAS, no começo, não falam. Fazem ruídos, que logo parecem antecipar os sons das línguas humanas, ao mesmo tempo em que são fundamentalmente diferentes delas. Quando se aproximam do ponto no qual principiam a formar suas primeiras palavras reconhecíveis, têm à sua disposição capacidades articulatórias com as quais nem mesmo o mais talentoso dos políglotas adultos poderia esperar rivalizar. Sem dúvida, é por essa razão que Roman Jakobson se viu atraído pela fala das crianças como objeto de estudo, da mesma maneira que, outros assuntos como o futurismo russo, a métrica eslava comparada, a fonologia estrutural, a ciência das formas sonoras da linguagem. Em *Linguagem infantil, afasia e universais fonológicos*, que escreveu em alemão entre 1939 e 1941, no exílio na Noruega e na Suécia, Jakobson observou que, “em seus balbucios, uma criança pode acumular articulações que nunca serão encontradas em uma única língua, ou mesmo grupo de línguas: consoantes com os mais variados pontos de articulação, consoantes palatalizadas e redondas, sibilantes, fricativas, cliques, vogais complexas, ditongos, e assim por diante”¹. Baseando-se na pesquisa de psicólogos especializados em crianças, Jakobson concluiu que, naquilo que chamou de ápice do balbucio (*die Blüte des Lallens*), não há limites para o potencial fônico da vocalização infantil. No que se refere à articulação, as crianças, defendia Jakobson, são capazes de tudo. Sem o menor esforço, podem produzir quaisquer sons — e todos eles — contidos nas línguas humanas.

1 Jakobson, *Kindersprache, Aphasie, und allgemeine Lautgesetze (1940-1942)*, reproduzido em Jakobson, *Selected Writings*, vol. 1 — *Phonological Studies*, p. 335; em inglês, *Child Language, Aphasia, and Phonological Universals*, p. 21.

Poder-se-ia pensar que, com tais capacidades para a fala, a aquisição de determinada língua seria algo rápido e fácil para a criança. Mas não é. Entre os ruídos do bebê e as primeiras palavras da criança, não apenas não há uma clara passagem, mas, pelo contrário, existem evidências de uma interrupção decisiva, algo como um salto no qual as habilidades fonéticas ilimitadas do primeiro parecem vacilar. “Como todos os observadores reconhecem com grande espanto”, relatou Jakobson, “o bebê perde praticamente toda sua habilidade para produzir sons quando passa do estágio pré-linguístico para a primeira aquisição de palavras, ou seja, ao primeiro estágio genuíno da linguagem”². Uma atrofia parcial das habilidades fônicas, sem dúvida, não é completamente surpreendente a essa altura; quando a criança começa a falar uma língua única, ela obviamente não tem o que fazer com todas as consoantes e vogais que emitia antes, e é muito natural que, ao parar de empregar os sons que não estão contidos na língua que está aprendendo, logo se esqueça de como os produzir. Mas o bebê, quando começa a adquirir uma língua, não apenas perde a capacidade de produzir sons que excediam seu sistema fonético particular. Muito mais espantoso (*auffallend*), observou Jakobson, é que muitos dos sons comuns ao seu balbucio e à língua do adulto também desaparecem do repertório de fala da criança nesse estágio; somente nesse ponto se pode dizer que se inicia a aquisição de uma língua particular. Por vários anos, a criança gradualmente dominará os fonemas que definem a forma do som daquilo que será sua língua materna, seguindo uma ordem que Jakobson foi o primeiro a apresentar de maneira estrutural e estratificada: começando, por exemplo, com a emissão das dentais (tais como *t* e *d*), o bebê aprenderá a pronunciar as palatais e velares (como *k* e *g*), as plosivas e labiais (como *p*, *b* e *m*), adquirirá a habilidade de articular constrictivas (como *v*, *s* e *f*), e assim por diante, até que, ao final do processo de seu aprendizado linguístico, a criança se torna um “falante nativo”, para usar a expressão com a qual estamos todos familiarizados, mas cuja imprecisão agora se torna clara.

O que acontece nesse ínterim aos muitos sons que a criança emitia com facilidade, e qual o fim da habilidade que possuía, antes de aprender os sons de uma língua específica, para produzir aqueles contidos em todas elas? É como se a aquisição da linguagem fosse apenas possível por meio de um ato de esquecimento, um tipo de amnésia linguística infantil (ou amnésia fônica, já que aquilo que o bebê parece esquecer não é a língua, mas uma capacidade aparentemente infinita para uma articulação indiferenciada). Seria o caso de a criança ficar tão

2 Ibidem.

presa à realidade de uma língua, que abandonaria o reino ilimitado, porém, em última instância, estéril, que contém a possibilidade de todas as outras? Ou seria necessário, ao invés, procurar a explicação na nova língua: é a língua materna que, apoderando-se de seu novo falante, não tolera nele a mais leve sombra de outra? Tudo fica mais complicado com o fato de que o bebê, quando silencia, não pode nem mesmo dizer “eu”, e não é certo que se possa atribuir-lhe a consciência de um ser falante. Seja como for, é difícil imaginar que os sons que a criança era capaz de produzir antes tenham desaparecido para sempre de sua voz, deixando para trás apenas um rastro de fumaça (e mesmo a fumaça já é algo). No mínimo, dois entes emergirão na voz agora esvaziada pela retirada dos sons que a criança não mais pode articular, pois uma língua e um ser falante surgirão do desaparecimento do balbucio. Isso é sem dúvida inevitável. Talvez o bebê deva esquecer a série infinita de sons que outrora produzia no “ápice do balbucio” para conseguir dominar o sistema finito de consoantes e vogais que caracteriza uma língua determinada. Talvez a perda de um arsenal fonético ilimitado seja o preço que a criança deve pagar para obter os documentos que concedem cidadania na comunidade de uma língua específica.

As línguas dos adultos retêm alguma coisa do balbucio infinitamente variado do qual emergiram? Se for esse o caso, seria apenas um eco, pois, onde há línguas, a emissão desordenada do bebê já há muito desapareceu, ao menos na forma que uma vez possuía na boca do infante que ainda não podia falar. Seria apenas um eco de uma outra fala e de algo outro que a fala: uma ecolalia, que guardasse a memória do balbucio indistinto e imemorial que, ao ser perdido, permitiria a todas as línguas existirem.

EXCLAMAÇÕES

EM CERTO SENTIDO, OS SONS QUE as crianças esquecem como produzir nunca as deixam, pois há um domínio da fala no qual retornam com espantosa regularidade: aquilo que tradicionalmente foi chamado, com maior ou menor precisão, de “onomatopeias”. Frequentemente, observou-se que, quando as crianças, no processo de aprendizado de uma língua, procuram imitar os ruídos não humanos à sua volta, usam consistentemente menos os sons que são capazes de fazer em sua língua materna do que aqueles que elas pareceriam ser incapazes de produzir, e que antes emitiam sem o menor esforço. Jakobson debruçou-se sobre o assunto em *Linguagem infantil, afasia e universais fonológicos*, defendendo o papel sistemático e universal desses sons na aquisição da linguagem. Ele escreveu:

Assim, nas crianças que ainda não têm fonemas velares, observa-se *gi* como uma imitação de persianas caindo, *kra kra* para o crocito do corvo, *gaga* como uma indicação de prazer, *ch-ch* como um som de alegria, *kha* para tudo o que é sujo etc. Embora as fricativas ainda sejam substituídas pelas plosivas na “língua denotadora objetiva” da criança, as primeiras podem aparecer como imitações sonoras com uma função onomatopeica. O ruído de um bonde é reproduzido por *zin-zi*; o gato, por uma criança, e a mosca, por outra, são imitados com *ss* e há tentativas frequentes para imitar o som de aviões, ou de espantar galinhas ou cachorros, com *f*. O *r* líquido pode ainda estar faltando em palavras que a criança toma emprestado de um adulto, mas o som de um passarinho ou o chocalhar podem, porém, ser reproduzidos com ele, e as crianças que ainda não fazem uso do *i* imitam os latidos de cachorros com *didi* ou o som de um pardal com *titi*, *bibibi* e *pipi*¹.

1 Jakobson, *Kindersprache, Aphasie, und allgemeine Lautgesetze (1940-1942)*, reproduzido em Jakobson, *Selected Writings*, vol. 1 — *Phonological Studies*, p. 339; em inglês, *Child Language, Aphasia, and Phonological Universals*, p. 26.

As imitações de sons de animais e ruídos mecânicos parecem pertencer a uma curiosa e complexa dimensão da fala infantil, cuja função exata na evolução da língua está longe de ser clara. Os sons que a criança usa em onomatopeias representam os últimos resquícios de um balbúcio que de outra forma teriam sido esquecidos, ou os primeiros sinais de uma língua por vir? As exclamações da criança indicam que a língua evolui em um tempo que não é nem unitário nem linear; elas sugerem que, por mais resolutamente que uma fala possa desenvolver-se, ela continua a trazer em si elementos — rastros ou premonições — de uma outra.

As crianças, nesse sentido, não são diferentes dos adultos nos quais se transformarão. Exatamente nos mesmos anos em que Jakobson escreveu seu trabalho revolucionário sobre a aquisição e a perda da linguagem, seu grande amigo Nikolai Sergeevich Trubetzkoy, com quem havia fundado o Círculo Linguístico de Praga anos antes, demonstrou que as onomatopeias pertencem a um tipo específico de enunciação comum tanto à fala das crianças quanto à dos adultos. No final do quarto capítulo dos *Princípios de fonologia*, uma obra inacabada, porém monumental, após definir as línguas como um “sistema fonológico finito de oposições fonéticas distintivas”, determinando suas vogais, consoantes e prosódia características, Trubetzkoy acrescenta uma última seção, que apresenta como uma espécie de apêndice: uma discussão breve, mas decisiva, daquilo que definiu como “elementos fonológicos distintivos anômalos” das línguas. “Para além do sistema fonológico normal”, escreveu, “muitas línguas também apresentam casos fonológicos especiais, que aparecem com funções completamente particulares”². A essa categoria pertencem todos os “sons estrangeiros” feitos por falantes de uma língua quando tentam imitar os de outra: fonemas presentes em palavras tomadas emprestadas de outras línguas, que, na passagem de uma para outra, inevitavelmente mudam de formato e frequentemente adquirem contornos novos e singulares, que em última instância não são redutíveis nem à língua de origem, nem àquela na qual se inserem. Trubetzkoy, que estava vivendo em Viena quando escreveu o livro, cita as ocasiões na quais os falantes do alemão usam uma palavra francesa ou eslava contendo uma forma que soa como *ſ* (ou seja, *ž*), ou vogais nasais, todos eles sons normalmente ausentes no sistema fonológico da língua alemã. Querendo indicar a origem estrangeira da palavra “telefone”, para distingui-la do *Fernsprecher* germânico, os vienenses, por exemplo, pronunciavam a última sílaba da palavra com uma vogal nasal

2 Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie*, pp. 205-6; em inglês, *Principles of Phonology*, pp. 207-9.

posterior semiaberta: diriam “telefõ”, fazendo lembrar um som gaélico que é de fato estranho ao alemão (o *õ* nasal), mas que, da maneira que é emitido, também está ausente da pronúncia real do francês *téléphone*. A essa categoria dos “elementos fonológicos distintivos anômalos”, escreveu Trubetzkoy, também pertencem todos os sons encontrados nas “interjeições e onomatopéias, assim como chamados e ordens dadas a animais domésticos”, feitos tanto por crianças quanto por adultos³.

Essas exclamações, Trubetzkoy argumenta, “não possuem uma função representativa [*Darstellungsfunktion*], no sentido estrito do termo”. A teoria linguística de hoje poderia chamá-las de “atos de fala” que, sem ser totalmente desprovidas de sentido, não afirmam nem negam coisa alguma. Diferentemente das proposições clássicas, não “enunciam uma coisa a respeito de outra”; sua única função consiste na própria força de sua enunciação. Em si mesmo, esse não era, é claro, um argumento novo. Que a forma da exclamação seja irreduzível à da afirmação (ou da negação), era uma tese familiar à teoria da linguagem ao menos desde o tempo de Aristóteles, que, por esse motivo, excluiu todas as exclamações, como rezas e gritos, do campo da lógica, no começo de seu tratado decisivo sobre as proposições, conhecido na tradição filosófica como *De interpretatione*⁴. A verdadeira perspicácia de Trubetzkoy acontece no campo da linguística que ele em grande medida definiu: o da fonologia. Seu tratado mostra que à singularidade lógico-formal das exclamações corresponde uma estrutura fonética totalmente excepcional. Com efeito, os sons que os seres humanos usam em interjeições, imitações de sons não humanos, e em ordens para animais raramente são encontrados em expressões normais dentro do idioma do falante. Permanecem, caracteristicamente, bem além dos limites que definem a constituição sonora de uma língua particular. Como de costume, o linguista não teve dificuldade para fornecer exemplos: apenas para as línguas europeias, ele cita “a interjeição transcrita como *hm*; os sons estalados para esporar cavalos; o *r* labial feito para parar cavalos; a interjeição ‘*br!*’ usada para exprimir um arrepio”⁵. Não seria difícil estender a lista, restringindo-nos somente aos sons exorbitantes e excessivos, normalmente encontrados em exclamações feitas por falantes de um único idioma. Em inglês, por exemplo, considere a exclamação corriqueira de nojo “*ukh*”, que inclui uma consoante

3 Ibidem.

4 *De interpretatione*, 17a 6-8.

5 Trubetzkoy, *Grundzüge der Phonologie*, p. 205; em inglês, *Principles of Phonology*, p. 208.

constritiva *kb* (que lembra os sons transcritos pela letra castelhana *jota*, ou a letra *خ* do árabe), e que aparece em algumas línguas em clara oposição ao *k* velar, ou a um *h* mais plenamente gutural, mas que não possui um lugar próprio no sistema fonológico do inglês; ou observe o *r* “apicoalveolar” ou “rolado” que as crianças anglófonas faziam para imitar o som da campainha de um telefone; ou o *r* “dorsovelar” ou “trinado”, frequentemente produzido para imitar o ronronar de um gato, que lembra muito as consoantes líquidas do francês ou do alemão modernos; ou, finalmente, o som que entra no meio da expressão de chateação no inglês contemporâneo “Uh-oh”, que remete diretamente à plosiva glotal, que desempenha um importante papel em línguas como o árabe e o dinamarquês, mas não é visto como tendo uma função distintiva na fonologia do inglês padrão. Em cada um desses casos, as interjeições abrem um sistema de sons a fonemas que normalmente permanecem fora dele; e levam, assim, uma língua a um ponto no qual, como escreveu Trubetzkoy, “o sistema fonológico usual não mais se aplica”⁶. Indo para além dos limites que a definem, uma língua determinada agora penetra em uma região indistinta de som, que não pertence a nenhum sistema linguístico — e que não parece pertencer, na verdade, a nenhum idioma humano.

Não é fácil definir a posição precisa que tais exclamações ocupam em uma língua específica, e a decisão de Trubetzkoy de restringir a discussão dos “elementos fonológicos distintivos anômalos” à seção final do capítulo sobre os sistemas fonológicos é reveladora de uma relutância em se deparar com a questão diretamente. Qual a relação, afinal, que as exclamações estabelecem, tanto para as crianças quanto para os adultos, com as línguas nas quais são enunciadas? Por um lado, as interjeições parecem representar uma dimensão comum a todas as línguas como tais, pois é difícil, se não impossível, imaginar um idioma totalmente desprovido desses sons. E, no entanto, por outro lado, as exclamações necessariamente marcam um excesso na fonologia de uma língua, já que são feitas por sons específicos que, por definição, não estão contidos na língua. Os “elementos fonológicos distintivos anômalos”, em suma, estão simultaneamente incluídos e excluídos dos sistemas linguísticos; parecem, mais exatamente, incluídos em uma língua justamente por estarem excluídos dela. Equivalentes fonéticos das entidades paradoxais que a teoria dos conjuntos banuiu de sua disciplina em sua fundação, eles constituem os “elementos”

6 Ibidem.

dentro de cada língua que pertencem e não pertencem ao conjunto de seus sons. São membros não desejados, porém inalienáveis, de todo sistema fonológico, dos quais nenhuma língua pode prescindir, e que nenhuma reconhece como seus.

Não é ninguém menos que Dante quem sugere que tais elementos fonéticos são menos “anômalos” do que parecem. Em seu tratado inacabado sobre a linguagem, *De vulgari eloquentia*, argumenta que, desde a Queda, a fala humana sempre começou com uma exclamação de desespero: “Heu!”⁷ (Ou seja — vale a pena notar — com uma expressão cuja forma escrita, pelo menos, contém uma letra representando um som que deve ter estado ausente do latim medieval que Dante conheceu: a pura consoante aspirada *h*). A sugestão do poeta deve ser considerada seriamente. Qual o significado de a forma primordial de fala humana não ser uma afirmação, uma pergunta ou uma nomeação, mas uma exclamação? A observação de Dante, tomada ao pé da letra, presta-se à confusão, pois define menos as condições empíricas da fala do que as condições estruturais que permitem a definição da língua como tal. Essas condições, Dante sugere, são as da interjeição: no instante em que há uma exclamação pode haver uma língua, mas não antes disso; uma língua que não admitisse o grito não seria verdadeiramente uma língua humana. Talvez por causa disso a intensidade da língua não seja tão grande em nenhuma outra esfera quanto na da interjeição, na onomatopeia, e na imitação humana daquilo que não é humano. Em nenhum outro domínio a língua é mais “si mesma” do que no momento em que parece deixar o âmbito de seus sons e sentidos, assumindo a forma sonora daquilo que não tem — ou não pode ter — uma língua própria: os ruídos dos animais, do mundo natural ou mecânico. É aqui que uma língua, em um gesto para além de si mesma, em uma fala que não é fala, se abre para a não língua que a precede e a sucede. É aqui, na enunciação de sons estranhos, que os falantes de um idioma pensavam ser incapazes de produzir, que uma língua se mostra como uma “exclamação” no sentido literal do termo: um “chamado” (*ex-clamare, Aus-ruf*), para além ou para aquém de si mesma, nos sons de uma fala não humana, que não consegue nem se recordar completamente, nem totalmente se esquecer.

7 Dante, *De vulgari eloquentia* 1.4.4, pp. 42-4.

ALEPH¹

O HEBRAICO CONTÉM UMA LETRA que ninguém pode pronunciar. Não que ela represente um som particularmente complicado, como dental enfático do árabe clássico (ض), de notória dificuldade, que muitos falantes nativos nunca conseguem realmente dominar, ou o complexo líquido sibilante tcheco (ř), que dá tanto trabalho aos estrangeiros, e que mesmo Jakobson, em um raro momento de revelação pessoal, confessou não ser capaz de sempre reproduzir em seus sonhos². A letra *aleph* (א) do hebraico não pode ser pronunciada, não porque seu som é complexo, mas porque é simples demais; ninguém é capaz de pronunciar-la, porque, diferentemente de todas as outras, não representa som algum. Pensa-se, é claro, que não foi sempre assim. Diz-se que a *aleph* (o gênero das letras em hebraico é feminino) originariamente indicava o movimento da laringe na produção de uma plosiva glotal. Menos a correspondente do *alif* (ا) árabe do que do *hamza* (ء), a letra hebraica representaria um mero gesto articulatório; seu som teria sido o de “um espasmo repentino do peito que precisa de algum esforço para ser produzido”, para usar a descrição dada certa vez por Sibawayh, o grande gramático do árabe clássico, para o *hamza*³. Em seu

1 Uma versão anterior deste capítulo foi publicada como uma seção de “Speaking in Tongues”, *Paragraph* 25, nº 2 (2002), pp. 92-115.

2 Jakobson, *Kindersprache, Aphasie, und allgemeine Lautgesetze*, reproduzido em Jakobson, *Selected Writings*, vol. 1 — *Phonological Studies*, pp. 370-1; em inglês, *Child Language, Aphasia, and Phonological Universals*, p. 63. Em sua discussão das similaridades entre os distúrbios da fala nos sonhos e os sintomas de afasia, Jakobson comenta: “Não somente as palavras realmente pronunciadas pelo sonhador, mas também a ‘fala não motora, introspectivamente apreensível, que é apenas sonhada, pode estar sujeita a certas mutilações sonoras. Observei tal fenômeno várias vezes na minha própria língua onírica. O despertador recentemente interrompeu meu sono enquanto sonhava ter dito *seme*. Ao acordar, estava convicto de que a palavra se referia a *zemřel*, ‘morto’ (em meus sonhos, agora, falo na maior parte das vezes em tcheco)”.

3 Sibawayh, *Al-Kitāb*, vol. 3, p. 548. Sobre o tratamento do *hamza* por parte de Sibawayh, cf. al-Nassir, *Sibawayh the Phonologist*, pp. 10-2.

Compendium grammatices linguae hebraeae, Espinoza caracterizou a natureza fonética da letra *aleph* com grande precisão, escrevendo que ela “não pode ser explicada por nenhuma outra língua europeia”⁴. A rigor, a *aleph* não representa nenhum ruído articulado, sendo meramente, nas palavras de Espinoza, o signo do “som da garganta que é ouvido com sua abertura”⁵. Mas tal definição da letra esconde, em certa medida, sua natureza real, que é ainda mais modesta do que o gramático aceitaria. Havia muito que a *aleph* hebraica não possuía o valor “articulatório” indicado pelo *hamza* no árabe clássico, e a crença em sua existência passada pode não ser, nada mais, nada menos, do que o resultado de uma reconstrução filológica e linguística. É como se o som da *aleph* houvesse sido esquecido pelas pessoas que outrora o produziam: das muitas pronúncias modernas do hebraico, nenhuma delas confere som algum à letra, e em todas elas a *aleph* é tratada como o suporte silencioso para as vogais que carrega, desprovido mesmo do não som, a interrupção na articulação, que se crê que um dia possuiu⁶.

Apesar de sua pobreza fonética, contudo, a *aleph* é uma letra de prestígio na tradição judaica, e certamente não é por acaso que os gramáticos hebreus a consideram a primeira do alfabeto. Uma das grandes obras da cabala, *O Livro Bahir* (ספר הבהיר), define-a como o mais antigo de todos os signos e mais primordial que suas combinações nas Escrituras: “A *Aleph* precedeu tudo, até mesmo a Torá” (היתה קודם לכל ואפי' לתורה)⁷. É quase como se o silêncio da *aleph* fosse não apenas o signo, mas também a razão de sua distinção. A seção introdutória do *Zohar* explica os privilégios da letra como recompensas justas por sua excepcional modéstia:

Quando o Ser Supremo, Abençoado Seja, estava a ponto de criar o mundo, as letras [do alfabeto hebraico] estavam com Ele. E Ele contemplou-as e jogou com elas pelos 2 mil anos que precederam a Criação. Quando Ele decidiu criar o mundo, cada uma das letras veio a Ele, da primeira à última⁸.

4 Espinoza, *Compendium grammatices linguae hebraeae*, in *Opera*, vol. 1 — *Korte verhandeling van God; De Mensch en deszelfs welstand; Renati Des Cartes principiorum philosophiae pars I & II; Cogitata metaphysica; Compedium grammatices linguae hebraeae*, p. 288.

5 Idem, op. cit., p. 287.

6 Sobre a *aleph* na língua bíblica, cf. Joüon, *Grammar of Biblical Hebrew*, vol. 1 — *Orthography and Phonetics; Morphology*, pp. 25-6.

7 Abrahms, *The Book Bahir*, p. 123, par. 13. Como indicam as notas dessa edição, o argumento é atribuído em alguns manuscritos ao rabino Amoray, em outros ao rabino Rehumay.

8 *Sefér ha-Zohar* 2b. Uma tradução inglesa pode ser encontrada em *The Zohar*, vol. 1, p. 9. Muitas obras, primárias e secundárias, poderiam ser citadas a respeito do caráter das letras nas doutrinas cabalísticas da

É muito natural, sem dúvida, que cada uma deseje ser o instrumento da Criação; todas as letras, da *tav* (ת) à *gimel* (ג), fornecem boas razões, porém insuficientes, para sua candidatura. *Tav* argumenta que ela constitui o “selo da verdade” (אמת), *shin* (ש), que ela marca o começo do nome divino “Senhor Todo-Poderoso” (שדי), *tsadi* (צ), que ela é o princípio da “corretude” (צדיקים), assim como cada membro do alfabeto, começando com o último, se apresenta para exaltar suas virtudes. Finalmente chegamos a *bet* (ב), que lembra a Deus que “é graças a mim que sois abençoado [ברך] nas alturas e profundezas”, ganhando, assim, sua posição de destaque nas duas primeiras palavras da Torá: “No começo [Deus] criou...” (ברשית ברא). “É claro!”, o Senhor Todo-Poderoso, Abençoado Seja, respondeu. “É contigo que criarei o mundo; tu serás aquela com quem inaugurarei a criação do mundo”⁹.

Durante todo o processo, *aleph* escondeu-se:

Aleph absteve-se de ir à frente. O Senhor Todo-Poderoso, Abençoado Seja, disse-lhe: “Aleph, aleph, por que não te pusestes à frente, diante de Mim, como todas as outras letras?”. Respondeu Aleph: “Mestre do Mundo, vi todas as outras letras se apresentarem longamente diante de vós sem resultado, e o que me restaria fazer? Além disso, haveis concedido essa preciosa dádiva à letra Bet, e não é próprio do grande Rei retirar o presente que acaba de dar a um servo, para passá-lo a outro”. O Senhor Todo-Poderoso, Abençoado Seja, disse a ela: “Aleph, Aleph, embora eu vá criar o mundo com Bet, tu serás a primeira dentre as letras do alfabeto. Em ti apenas terei a unidade, e tu estarás no começo de todos os cálculos e de todas as obras no mundo. Toda unificação residirá somente na letra Aleph”¹⁰.

Excluída da primeira palavra da Criação, *aleph*, no entanto, torna-se o princípio de toda construção. Colocada no começo do alfabeto, a letra recebe o valor numérico de “um”, e seu silêncio no início é a razão para sua subsequente elevação perante todas as outras.

A primeira parte do *Bereshit rabbah*, um dos mais famosos dos antigos comentários da Bíblia Hebraica, debruça-se com vagar sobre a ausência da *aleph* do começo, registrando uma variedade de interpretações a respeito dessa aparente lacuna na abertura da Torá. Aqui, o Rabino Yoma inicia a discussão

Criação; para uma visão panorâmica dos problemas em jogo, cf. o ensaio fundamental de Gershom Scholem, “Der Name Gottes und die Sprachtheorie der Kabbalah”, in *Judaica III*, pp. 7-70; cf. também Sirat, “Les Lettres hébraïques”.

9 *Sefer ha-Zohar* 3a; em inglês, *Zohar*, vol. 1, p. 12.

10 Idem, op. cit., 3a-3b; em inglês, *Zohar*, vol. 1, pp. 12-3.

perguntando, em nome do Rabino Levi, “Por que o mundo foi criado com a letra *bet*?”¹¹. Uma outra *midrash aggadah* é ainda mais precisa. “O texto [do Gênesis] poderia ter a ordem ‘Deus no começo criou’, e nesse caso a primeira letra teria sido a *aleph*” (sendo ela a letra do nome divino usado nos versos de abertura do Gênesis, אלהים)¹². Várias razões são dadas para o merecimento de *bet*, mas não demora muito para que os sábios coloquem explicitamente a questão a respeito da ausência de *aleph*: “Por que não *aleph*?”

Porque ela é o signo da maldição [ארירה], que começa com uma *aleph*. Outra interpretação: para não dar razões para os hereges, que então diriam: “Como pode um mundo existir se é criado sob o signo da maldição?” [...] Verdadeiramente, o Senhor Todo-Poderoso, Abençoado Seja, disse: “Criarei [o mundo] sob o signo da bênção [ברכה], para que possa assim existir”¹³.

No entanto, antes de causar constrangimento entre os rabinos palestinos, *incipit* aturdiu ninguém menos que a própria letra:

Um dito do Rabino Eliezer em prol do Rabino Aha: Por 26 gerações [as 26 gerações entre Adão e a revelação no Monte Sinai], Aleph sofreu perante o Trono de glória do Senhor Todo-Poderoso, Abençoado Seja. “Mestre do mundo”, disse ela, “não haveis criado o mundo comigo, embora seja a primeira das letras!”. O Senhor Todo-Poderoso, Abençoado Seja, respondeu: “O mundo e tudo aquilo que ele contém foram apenas criados em nome da Torá, como está escrito: ‘O Senhor fez a Terra com sabedoria [ou seja, a Torá]’ [Provérbios 3.19]. E, com efeito, amanhã, ao dar a Torá no Sinai, quando começar a falar, não enunciarei outra letra senão a ti: ‘eu [אני], que começa com a letra *aleph*’ sou o Senhor teu Deus’ (Êxodo 20.20)”¹⁴.

Fazendo lembrar a forma de abertura do Decálogo, a história (que é repetida de novo em uma *midrash* bem posterior¹⁵) leva a discussão de um começo ao outro, substituindo a ausência da letra em uma passagem fundamental por sua presença decisiva na cena inteira do ato de dar a Torá. Só é preciso lembrar que a revelação no Sinai é, em todos os sentidos, o evento marcante na história

11 *Midrash rabbah* 1.10; em inglês, *Midrash Rabbah*, vol. 1 — *Gênesis*, p. 9; cf. *Sefer ha-Bahir* 3.

12 *Eliabu rabbah* 31.

13 *Midrash rabbah* 1.10; em inglês, *Midrash Rabbah*, p. 9.

14 *Idem*, op. cit., p. 43.

15 *Shir ha-shirim rabbah* 5.9.